



## ELEIÇÕES NO PERU

# Duelo de extremos

Herdeira de um poderoso clã, a direita Keiko Fujimori disputa o segundo turno, hoje, com o candidato da esquerda radical Roberto Sánchez. Mais de 27 milhões de eleitores escolherão o nono presidente em uma década

» RODRIGO CRAVEIRO

O escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936-2025), laureado com o Nobel de Literatura em 2010, disse certa vez que “a política faz aflorar o pior dos seres humanos”. Hoje, 27,1 milhões de eleitores (1,1 milhão no exterior) vão às urnas com a esperança de que o filho mais ilustre do Peru estava errado. O segundo turno das eleições presidenciais será uma disputa de extremos. De um lado, a direita Keiko Fujimori, filha do ex-presidente Alberto Fujimori e herdeira de um dos clãs mais poderosos do Peru. De outro, Roberto Sánchez, 57 anos, candidato da esquerda radical e representante dos pobres e dos camponeses.

O cenário: uma das democracias mais frágeis da América Latina — ao longo da última década, o Peru foi comandado por oito presidentes (veja quadro). O candidato vitorioso hoje terá uma missão pela frente: sobreviver a um Congresso que tem o histórico de derrubar chefes de Estado.

No encerramento da campanha, na última quinta-feira, Keiko Fujimori, 51 anos, pediu o voto dos peruanos “para evitar o caos e o retrocesso”. “Queremos um governo que nos traga paz, que restaure a ordem! Queremos um governo de confiança... Não vou decepcioná-los”, prometeu a administradora de empresas, que tenta chegar à Casa de Pizarro, sede do Executivo, pela quarta vez consecutiva.

Com o tradicional chapéu de camponês — presente do ex-presidente Pedro Castillo, preso por tentar um autogolpe de Estado —, Sánchez não poupou ataques à adversária. “Abaixo a ‘mulher da máfia’, abaixo o fujimorismo!”, gritou do alto do palanque. Se perder as eleições, o esquerdista poderá ficar em apuros perante a Justiça, que decidiu enviá-lo a julgamento por suposta declaração falsa de financiamento de seu partido há cerca de seis anos. Se vencer, gozará de imunidade prevista pela Constituição.

Professor de ciência política da Pontifícia Universidad Católica del Perú (em Lima), Eduardo Dargent afirmou ao **Correio** que Roberto Sánchez fez movimentos mais consistentes para conquistar indecisos, nas últimas semanas. “Keiko Fujimori tem se focado na ideia de que o país está mais propenso à direita, ante a necessidade de combater o crime ou a instabilidade econômica supostamente projetada pelo adversário. Creio que o reforço de certos medos que envolvem o fujimorismo — não somente no passado, mas também na influência sobre o Congresso — e a atuação ruim de Keiko nos debates tornam a disputa aberta”, observou. Dargent reconhece, no entanto, que a filha de Alberto Fujimori

Connie France/AFP



Roberto Sánchez discursa em encerramento da campanha, em Lima: “Abaixo a ‘mulher da máfia!’”

Anthony Nino de Guzmán/AFP



Keiko Fujimori, do Partido Fuerza Popular, acena para simpatizantes, na capital: “Não vou decepcioná-los”

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“Se Keiko Fujimori tivesse desempenhado uma melhor campanha para o segundo turno, provavelmente, ganharia. Acho que o resultado das eleições de hoje será apertado. Se ela tivesse feito uma campanha capaz de provar que poderia limitar suas piores tendências, ela teria mais sorte. É possível que Roberto Sánchez vença hoje.”

**EDUARDO DARGENT, professor de ciência política da Pontifícia Universidad Católica del Perú (em Lima)**

conta com uma base de 10% do eleitorado, algo significativo para o país. “Os temas apresentados durante a campanha estão bem

adequados ao fujimorismo, principalmente a segurança e a polarização no Peru e na América Latina. No entanto, Keiko se parece mais com os típicos candidatos pró-Estados Unidos, o que soou mal para ela, pois nunca conseguiu sair dos setores de Lima”, avaliou. O estudioso admite que o antifujimorismo reveste-se de uma roupagem do passado. “Muitos dos peruanos mais jovens conhecem o novo fujimorismo, mas não têm recordações da transição, dos anos 1990 de Alberto Fujimori. Keiko teve uma melhor campanha no primeiro turno, ao abordar a desordem e a criminalidade.”

### Instabilidade

Segundo Dargent, o Peru tem se acostumado a derrubar presidentes e normalizar essa tendência. Ele admite que o fenômeno provoca grande instabilidade no Poder Executivo. “Desta vez, vejo que Keiko tem mais condições de experimentar estabilidade no cargo,

com capacidade de armar vetos no Congresso e evitar a chamada vacância. Nesse sentido, Sánchez mostra-se mais vulnerável. Fujimori teria uma maior tranquilidade para governar”, prevê. Além da falta de estabilidade de presidentes no cargo, o Peru enfrenta rotatividade de ministros e subordinação de um enfraquecido Tribunal Constitucional ao Congresso. Ainda de acordo com Dargent, a próxima liderança eleita terá os desafios de controlar a tendência de “predação” do Legislativo, recuperar a confiança dos cidadãos e fazer uma aliança com os congressistas para conquistar estabilidade.

Colega de Dargent na universidade, a cientista política Paula Távara Pineda disse ao **Correio** que as últimas pesquisas apontam uma leve vantagem para Roberto Sánchez. Ela lembrou que os grupos empresariais promoveram a candidatura de Keiko, mas o candidato da esquerda performou melhor, com a formação de alianças e a demonstração de uma maior

### Os últimos chefes de Estado

Wikipedia



**PEDRO PABLO KUCZYNSKI**  
(Julho de 2016 a março de 2018)

Cris Bouroncle/AFP



**MARTÍN VIZCARRA**  
(Março de 2018 a novembro de 2020)

Presidência do Peru / AFP



**MANUEL MERINO**  
(Novembro de 2020)

Luka Gonzales/Congresso do Peru/AFP



**FRANCISCO SAGASTI**  
(Novembro de 2020 a julho de 2021)

Carlos Mamani/AFP



**PEDRO CASTILLO**  
(Julho de 2021 a dezembro de 2022)

AFP



**DINA BOLUARTE**  
(Dezembro de 2022 a outubro de 2025)

AFP



**JOSÉ JERÍ**  
(Outubro de 2025 a fevereiro de 2026)

Wikipedia



**JOSÉ MARÍA BALCÁZAR**  
(Fevereiro de 2026 a atualmente)

capacidade de convocar a população. “Roberto Sánchez foi bem-sucedido em ativar um movimento muito forte no Peru, o antifujimorismo”, destacou Pineda.

A analista crê em maior estabilidade política nos próximos anos. “Isso porque cada um dos candidatos tem apoio suficiente para evitar uma vacância presidencial imediata. Por aqui, tudo muda rapidamente”, disse Pineda. Ela não descarta uma noite de

domingo turbulenta. “A pergunta é se não irão denunciar fraude, caso o resultado seja desfavorável para Fujimori e como isso pode impactar no ânimo do cidadão e no debate legislativo. Pineda explicou que o novo ocupante da Casa de Pizarro precisará lidar com a crise de insegurança e firmar acordos com o Congresso que lhes permitam gerir as políticas públicas e afastar uma ameaça permanente sobre o Executivo.

## ORIENTE MÉDIO

# Bebê é morto por disparos israelenses

A mão direita enfaixada segura o corpo envolto em uma mortalha branca e na bandeira da Palestina. Professor da Universidade Ahliya da Palestina, em Belém (Cisjordânia), Fahd Abou Haikal carregou o filho, Sam, de 7 meses, pela última vez. Levou-o até a sepultura, acompanhado de dezenas de pessoas. Na noite de sexta-feira, Sam estava em um carro com os pais na noite de sexta-feira, perto de Hebron, quando os três foram atingidos por disparos israelenses.

“Isso não pode ser um engano”, afirmou Fahd à agência France-Presse. Uma investigação preliminar das Forças de Defesa de

Israel (IDF) reconheceu que um de seus soldados havia atirado “contra civis” não suspeitos, depois que o veículo deles acelerou em direção às tropas.

Fahd Abou Haikal ficou ferido na mão; a esposa, a também professora Dania Salameh, foi atingida no rosto e encontra-se hospitalizada, em estado estável. “Famos de Belém para Hebron. Nós nos aproximamos do ponto de controle (militar israelense) e, de repente, ouvi um barulho, parei o carro e levantei as mãos”, relatou o pai de Sam. “Ouvi um disparo e, um segundo depois, vi uma bala atravessar o parabrisa e em seguida atravessar

meu braço”, acrescentou o homem de 42 anos. “Minha esposa foi atingida por uma bala que atravessou o lado direito do rosto dela e também por estilhaços”, explicou.

“Não consigo acreditar no que aconteceu”, disse. “Quando se dispara mais de uma bala, não há tiros de advertência e não há aviso, isso não pode ser um engano”, acrescentou o professor palestino.

Feryal Abou Haikal, 65, avó da criança, também estava no carro. Desesperada, ela contou à imprensa local que escutou os tiros e imaginou tratarem-se de disparos de advertência. “Depois, minha nora gritou e eu a vi coberta de sangue.”

“Um recém-nascido que mal tinha começado sua vida tornou-se mais uma vítima da ocupação israelense!”, denunciou na rede social X o gabinete do premiê palestino, Mohamed Mustafa.

### Gaza

Na Faixa de Gaza, nove pessoas morreram em bombardeios. As IDF afirmaram que um dos mortos era “comandante de uma célula terrorista” do Hamas. Na Cidade de Gaza, um ataque de drone matou sete e feriu 15 no campo de deslocados de Jawazat. Dois palestinos morreram em outros ataques.

Hazem Bader/AFP



Fahd Abou Haikal carrega o corpo do filho Sam, de 7 meses, em Hebron